

Determinação do Capital de Giro de uma Indústria Moveleira sob a Perspectiva do Modelo Fleuriet

Carlos Cambruzzi
Eliandro Schvirck

Resumo: O presente artigo busca evidenciar a importância da verificação periódica dos indicadores econômico-financeiros expressos nos balanços patrimoniais por vezes negligenciados pelos gestores, cuja visão de balanço os remete às exigências legais. As formas de avaliação de balanço e dos indicadores financeiros tradicionais somam-se à metodologia Fleuriet adotada neste trabalho, fundamentada na reclassificação de contas permite obter índices relacionados aos ciclos operacionais, financeiros e permanentes da empresa. Outro tópico abordado permitiu a classificação da situação financeira da empresa através da análise dos indicadores CDG, NCG e T. Ferramentas que auxiliam e tornam o processo decisório nas organizações mais ponderado.

Palavras-chave: Modelo Fleuriet; Capital de Giro; Necessidade de Capital de Giro; Tesouraria; Classificação Financeira.

1. INTRODUÇÃO

A ausência ou o deficiente dimensionamento do volume de capital de giro (CDG), poderá induzir as empresas a perdas financeiras, geralmente significativas. Ao trabalhar de forma empírica ou intuitiva em relação ao volume de capital de giro, o administrador incorre na quebra de uma das premissas básicas da administração, que é a maximização dos recursos disponíveis. Para Gitman (2002), incumbe ao administrador planejar, coordenar e controlar todas as atividades, adicionando valor para a empresa.

O capital de giro é uma variável de moderada mobilidade, alterações em uma ou mais contas do Ativo ou Passivo, refletirão e impactarão no capital de giro. Um aumento de produção ancorado na aquisição de uma nova tecnologia, por exemplo, gerará alterações patrimoniais e consequentemente variáveis como fornecedores, matérias-primas e clientes – citando alguns - serão modificados, exigindo portanto, uma nova configuração no volume de capital de giro.

O conhecimento e o dimensionamento do capital de giro (CDG) ou provisionamento mais aproximado possível, permitirá que o administrador use o excedente de recursos em áreas produtivas ou aplicações financeiras. Porém, em circunstâncias de insuficiência de capital de giro, faz-se necessário a obtenção de recursos para supri-las, priorizando os empréstimos com os menores encargos financeiros.

A preocupação constante ao nível de capital de giro (CDG), Necessidade de Capital de Giro (NCG) e Tesouraria (T) revelam uma administração prudente e atenta a condição financeira da empresa. Indicadores que orientam as instituições de financiamento e crédito, e fundamentando-os nas

concessões de empréstimos, minimizando as perdas por inadimplência ou atraso no pagamento das parcelas, nos prazos acordados junto à financiadora, podendo ainda, em alguns casos oferecer taxas menores de remuneração do capital emprestado.

O modelo Fleuriet, foi adotado por apresentar uma dinâmica operacional e gerencial, não levando em conta apenas os aspectos contábeis tradicionais. Braga (1991), enfatiza que através da reclassificação das contas contábeis, o método permite ao gestor avaliar rapidamente a situação financeira da empresa.

1.1. Justificativa

A transformação dos dados dispostos nas demonstrações contábeis em informações que auxiliem na tomada de decisões, é um imperativo nas modernas técnicas de gestão. Busca-se portanto, suprir os administradores com informações relevantes, que apoiem e fundamentem as decisões. O mercado tem cobrado um preço alto de empresas que agem de forma intuitiva ou simplesmente apoiadas em premissões.

1.2. Objetivos

O objetivo do presente estudo é determinar o volume de capital de giro (CDG), prover a administração com informações dos níveis da Necessidade de Capital de Giro (NCG) e Tesouraria (T) e situar a organização no nível de risco com base em sua estrutura patrimonial.

1.3. Metodologia

De acordo com os objetivos exigidos, este estudo caracteriza-se como sendo um estudo de caso. Segundo Dmitruk (2004, p.130) o estudo de caso, "caracteriza-se por ser um estudo intensivo de um caso particular ou de vários casos para avaliar e tomar decisões, ou propor uma ação de intervenção". A coleta de dados para elaboração deste trabalho, foi através de pesquisa bibliográfica e análise de balanço patrimonial coletado junto à empresa.

Segundo Dmitruk (2004, p.68)

A pesquisa bibliográfica é realizada em documentos gráficos e/ou informatizados. Objetiva levantar informações sobre temas e abordagens já trabalhados





por outros pesquisadores, analisando as contribuições teóricas sobre o problema e a temática de interesse.

Ainda de acordo com a autora (DMITRUK, 2004, p.128) “o levantamento bibliográfico, visa dar segurança ao pesquisador, muní-lo das informações básicas a investigação”.

A análise e a interpretação dos dados deram-se através de tabelas, gráficos e análises quantitativas e qualitativas.

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1995, p.166).

A utilização de ferramentas auxiliares para inserção dos dados, dará agilidade, facilitará e explicitará as informações úteis e imprescindíveis, que balizarão as avaliações.

2. MODELO TRADICIONAL DE ANÁLISE DE BALANÇO

2.1. Capital Circulante Líquido – CCL

Para Gitman (2002), o Capital Circulante Líquido “refere-se aos ativos circulantes que sustentam as operações do dia a dia da empresa”. Corresponde a valores aplicados pela empresa, como forma de financiamento de seu ciclo operacional, que compreende os processos de compra de matéria-prima, transformação – quando indústria - venda e recebimento de duplicatas (Assaf Neto, 2006). Ainda para Assaf Neto, o capital circulante líquido caracteriza-se por sua inconstância e dinamismo, exigindo rápida avaliação. Uma vez que o capital circulante líquido é elemento básico na ponderação da situação financeira da empresa, qualquer equívoco, negligência ou descuido comprometerá a solvência da empresa.

Também conhecido como Capital de Giro Líquido – CGL, é obtido através da diferença entre os Ativos Circulantes (AC) e os Passivos Circulantes (PC). Quando o resultado do CCL é positivo, a empresa apresenta um folga financeira, uma vez que parte dos ativos circulantes encontram-se financiados por recursos de longo prazo, reconhecidos como a melhor opção de endividamento.

No entanto, quando o CCL é negativo, significa que a empresa está usando recursos de curto prazo para custear aplicações com prazos de retornos longos. Quando as dívidas apresentam-se antes dos retornos das aplicações, tem-se então um piora nos níveis de liquidez da empresa. Uma situação menos comum é o capital circulante líquido nulo, onde os ativos circulantes e os passivos circulantes se igualam. (Assaf Neto, 2006).

Para Braga (1989), o descompasso entre as duplicatas a receber e as obrigações a pagar produzem um caixa negativo gerando necessidade de recursos para cobrir o ciclo operacional da empresa. Portanto, a empresa deve antever situações adversas e momentâneas, mantendo recursos adequados que supram as necessidades de capital circulante líquido.

No modelo tradicional de análise de balanço, observa-se o comportamento do CCL e dos índices de liquidez – corrente, seca e imediata – situados no ativo e passivo circulante. O CCL é comumente utilizado para medir o grau de liquidez ou insolvência da empresa. Porém, no cálculo tradicional, o valor do CCL pode estar mascarando um folga financeira. Vejamos o seguinte exemplo: uma empresa tem o CCL positivo, porém, seu nível de estoque pode representar um peso excessivo, comprometendo a sua liquidez imediata, o que exige um refinamento de seu cálculo isolando ou separando contas do ativo e passivo circulante.

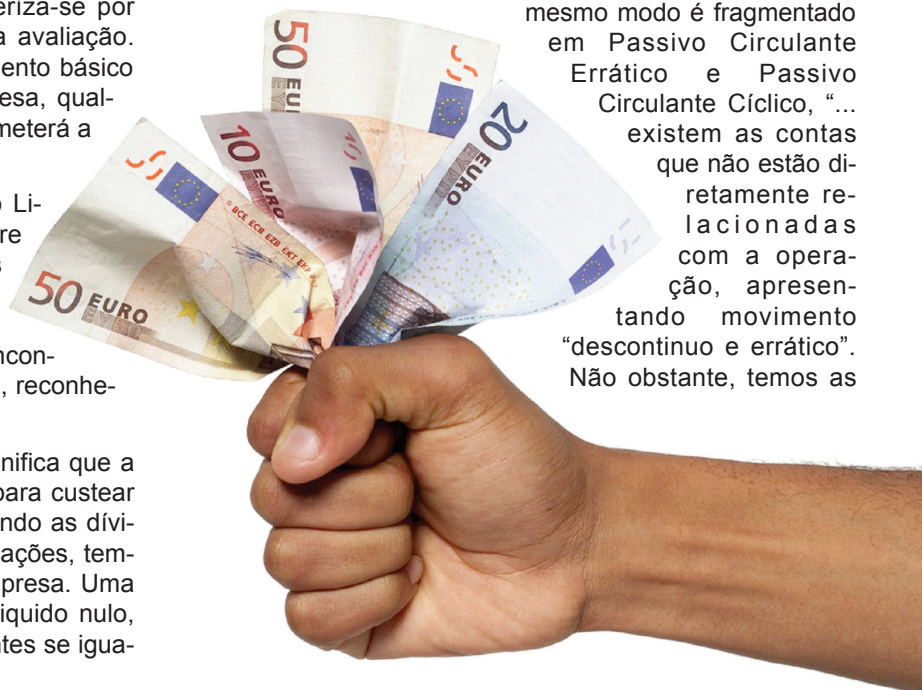
Braga (1989) acrescenta que o processo contínuo de administração do capital de giro visa preservar a liquidez da empresa, bem como, sua rentabilidade. O autor afirma ainda, que várias concordatas e falências, devem-se à má administração do capital de giro.

3. MODELO FLEURIET DE ANÁLISE DE BALANÇO

O Modelo Fleuriet, também conhecido como Modelo Dinâmico de Análise de Balanço, foi exposto na década de 80, pelo francês Michel Fleuriet, então professor da Fundação Dom Cabral (Belo Horizonte-MG). Propôs uma reclassificação para contas patrimoniais, segundo o ciclo e a relação específica de cada uma delas.

O Ativo Circulante é dividido em Ativo Circulante Errático¹ e Ativo Circulante Cíclico. As primeiras, relacionam-se a elementos financeiros e as segundas as atividades operacionais da empresa. O Passivo Circulante, do

mesmo modo é fragmentado em Passivo Circulante Errático e Passivo Circulante Cíclico, “... existem as contas que não estão diretamente relacionadas com a operação, apresentando movimento “descontínuo e errático”. Não obstante, temos as



“... contas relacionadas com o ciclo operacional do negocio e apresentam um movimento “contínuo e cíclico” (Fleuriet, 2003, p.7).

O Ativo Realizável a Longo Prazo e o Ativo Permanente, bem como o Passivo Exigível a Longo Prazo e o Patrimônio, compõem um grupo intitulado de Ativo Permanente ou não Cíclico e Passivo Permanente ou não Cíclico, respectivamente. “Certas contas apresentam uma movimentação lenta, quando analisadas isoladamente ou em relação ao conjunto de outras contas que, em uma análise de curto prazo, podem ser consideradas como “permanentes ou não cíclicas”.

Para Marques e Braga este

modelo auxilia o analista financeiro na avaliação da liquidez e solvência da entidade, e na identificação do tipo de estrutura financeira utilizada e/ou característica do segmento de interesse, bem como a verificação de suas tendências relativas. Nesse aspecto, serve de instrumento suplementar à análise de liquidez tradicional, às vezes fornecendo indicativos antecipados de deterioração ou recuperação financeira da empresa” (1995, p.63).

Modelo de classificação das contas conforme sua movimentação proposto por Fleuriet.

Alicerçando-se na reclassificação de contas que o Modelo Fleuriet apresenta, têm-se novas definições e metodologias para os cálculos dos índices de Necessidade de Capital de Giro – NCG, Capital de Giro – CDG e saldo de Tesouraria –T.

3.1. Necessidade de Capital de Giro – NCG

Fleuriet (2003) ilustra que a Necessidade de Capital de Giro ocorre quando as saídas de caixas ocorrem antes das entradas. Por tratar-se de um conceito econômico-financeiro decorrentes das atividades da empresa, como: compra de matérias-primas ou mercadorias, pagamento de fornecedores, fabricação, estocagem, venda e recebimento de duplicatas, a NCG utiliza-se das contas do Ativo Circulante Cíclico e Passivo Circulante Cíclico, sendo determinada pela fórmula:

$$\text{NCG} = \frac{\text{Ativo Circulante Cíclico} - \text{Passivo Circulante Cíclico}}{\text{Ativo Circulante Cíclico}}$$

A Necessidade de Capital de Giro é suscetível a qualquer alteração no ambiente econômico ou estratégico da empresa. Alterações nos níveis de estoques, aumentos de vendas, redução de prazos de pagamentos aos fornecedores, ou ainda maior prazo de recebimento de clientes, são motivadores que impactam diretamente no nível de NCG. A

NCG pode ser negativa, situação pouco comum, e verifica-se quanto às entradas de recursos antecede as saídas, ou seja, o recebimento das vendas dá-se anteriormente ao pagamento dos fornecedores.

3.2. Capital de Giro – CDG

Apesar de expressar o mesmo resultado final o CDG é calculado de forma diferente do Capital Circulante Líquido – CCL, utilizado no modo tradicional. Enquanto o CCL utiliza-se da diferença entre o Ativo e o Passivo Circulante o CDG emprega as contas do Ativo Permanente ou não Cíclico e do Passivo Permanente ou não Cíclico. No modelo de Fleuriet o CDG é definido pela equação:

$$\text{CDG} = \frac{\text{Passivo não Cíclico/ Permanente} - \text{Ativo não Cíclico/Permanente}}{\text{Ativo não Cíclico/Permanente}}$$

Fleuriet (2003) ressalta que o Capital de Giro “constitui uma fonte de fundos perma-

		ATIVO		PASSIVO	
		CIRCULANTE		CIRCULANTE	
ATIVO CIRCULANTE	CONTAS ERRÁTICAS	Disponibilidades		Duplicatas descontadas	CONTAS ERRÁTICAS
		Numerário em caixa		Empréstimos bancários a CP	
		Bancos conta movimento		Saques cambiais descontados	
		títulos e valores imobiliários		Títulos a pagar CP	
		Aplicações financeiras		Dividendos e pagar CP	
	CONTAS CÍCLICAS			Debêntures CP	CONTAS CÍCLICAS
		Duplicatas a receber		Fornecedores de Matérias-primas	
		Estoques de produtos acabados		Impostos a pagar	
		Estoques de produtos em processo		Salários e encargos a pagar	
		Estoque de matérias-primas		Outros adiantamento	
Outras contas operacionais		Outros passivos circulantes			
ATIVO NÃO CIRCULANTE	CONTAS NÃO CÍCLICAS	REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	CONTAS NÃO CÍCLICAS
		Empréstimos a LP de terceiros		Empréstimos bancários a LP	
		Títulos a receber de LP		Financiamentos a LP	
		Aplicações financeiras de LP			
		PERMANENTE		PATRIMÔNIO LÍQUIDO	
	Investimentos		Capital Social	CONTAS NÃO CÍCLICAS	
	Imobilizado		Reservas		
	Diferido		Lucros acumulados		

Fonte: Fleuriet, Kehdy, Blanc (2003)

nente utilizada para financiar a Necessidade de Capital de Giro da empresa". O CDG modifica-se com investimentos no ativo permanente exceto quando a empresa assume um financiamento de longo prazo, na qual os saldos são contrabalanceados. Quando o saldo do Capital de Giro é negativo, a empresa utiliza recursos de curto prazo para financiar seu ativo permanente, sendo estes itens, com longo prazo de retorno, dificultando sua liquidez, aumentando seu nível de insolvência.

3.3. Tesouraria – T

Indicando o nível de utilização de recursos de curto prazo, denominado Saldo de Disponível (SD) por Assaf Neto (2006), a tesouraria indica a capacidade da empresa em financiar seu crescimento e atividades operacionais. O saldo de Tesouraria é obtido através das fórmulas:

$$T: \frac{\text{Ativo Circulante Errático} - \text{Passivo Circulante Errático}}{\text{Capital de Giro} - \text{Necessidade de Capital de Giro}}$$

Sendo a Tesouraria negativa, evidencia que a empresa financia parte da Necessidade de Capital de Giro ou Ativo Permanente com recursos de curto prazo, prejudicando sua liquidez. Com a Tesouraria positiva, a empresa dispõe de recursos de curto prazo para outras aplicações, como aumento de produtividade, imobilizado ou no mercado financeiro, possuindo portanto, folga financeira. Porém Fleuriet (2003) destaca que um saldo positivo elevado demais, demonstra que a empresa é incompetente na gestão de recursos financeiros.

3.3.1. Efeito Tesoura

O efeito tesoura, relaciona-se a determinado número de exercícios em que a empresa transpõe do CDG positivo para o CDG negativo. De acordo com Assaf Neto (2006), "Quando uma empresa apresenta por vários exercícios seguidos um crescimento do NCG superior ao do CDG, diz-se que ela convive com o denominado *efeito tesoura*". O autor enumera algumas situações que poderão aumentar os ní-

veis de Necessidade de Capital de Giro (NCG): Aumento de estoques, aumento de vendas, imobilizações, fatores sazonais, aumento da inadimplência, depósitos judiciais. Fatores que mal administrados, podem facilmente conduzir a empresa ao efeito tesoura. Observe o exemplo na figura 01.

Para Fleuriet (2003), evitar o *efeito tesoura* é obrigação dos gestores, que segundo o autor, negligenciam a importância do volume de capital de giro e seus efeitos sobre as decisões da empresa. Fleuriet afirma que "o autofinanciamento² da empresa deve ser suficiente para financiar pelo menos, os aumentos de sua necessidade de capital de giro". O autor destaca que os meios de alavancagem de recursos poderão gerar o *efeito tesoura*. Os empréstimos em curto prazo poderão ser suspensos ou não renovados. Para os bancos financiar a necessidade de capital de giro não traz a garantia física de um investimento em imobilizado. O aumento de capital elevará a distribuição de dividendos, diminuindo as reservas de lucros e por fim o endividamento comprometerá os resultados futuros devido as despesas financeiras.

3.4. Tipos de Balanços

Embora, originalmente Fleuriet tenha apontado quatro situações fazendo apenas alusão a outros dois tipos de balanços, o processo foi aperfeiçoado por Marques e Braga (1995). Utilizando os resultados obtidos dos índices NCG, CDG e T, é possível estabelecer a situação financeira da empresa.

Posicionamento financeiro da empresa com base nas variáveis NCG, CDG e T, segundo Marques e Braga (1995).

Tipo/Item	CDG	NCG	T	Situação
I	+	-	+	Excelente
II	+	+	+	Sólida
III	+	+	-	Insatisfatória
IV	-	+	-	Péssima
V	-	-	-	Muito Ruim
VI	-	-	+	Alto Risco

Nota: (+) indica valor positivo e (-) indica valor negativo
Fonte: Marques e Braga (1995)

Braga certifica e declara que

Essa metodologia permite avaliar rapidamente a situação financeira das empresas através da classificação dos balanços em um dos seis tipos possíveis de configuração de determinados elementos patrimoniais. Trata-se um passo adiante em relação ao esquema tradicional de análise de balanços feito através de índices econômico-financeiros. (1991, P.1)

Para Fleuriet (2003), Marques e Braga (1995), as empresas que apresentam o tipo I, possuem habitualmente, alta rotatividade de estoques e realizam vendas à vista, e compras a prazo. Nas empresas do tipo II, a tesouraria positiva permite enfrentar aumentos temporários de NCG, porém, períodos de recessão ou sazonalidade podem desequilibrá-la financeira-

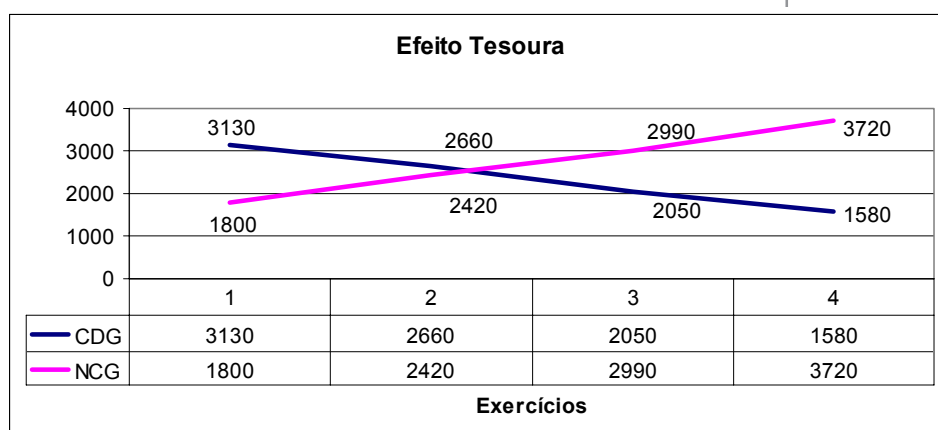


Figura 01 - Efeito Tesoura
Fonte: Adaptado de Fleuriet, Kehdy, Blanc (2003)

mente. O tipo III revela um grau de inquietação, esta situação aponta o uso de recursos de curto prazo para garantir o CDG. O tipo IV, típico de empresas estatais, evidencia o uso de recursos de curto prazo para financiamento de itens do ativo permanente. Do modelo proposto por Fleuriel (2003) com quatro situações possíveis, Marques e Braga (1995), adicionaram duas novas situações. O tipo V, os recursos de curto prazo financiam ativos de longo prazo, tendo ainda o NCG e T negativos, caracterizando como situação muito ruim. Finalmente o tipo VI, empresas com alto risco, possuem CDG e NCG negativos, entretanto, sua Tesouraria é positiva e pode indicar ingerência ou aplicação de recursos no mercado financeiro.

4. APLICAÇÃO DO MODELO FLEURIET

4.1. Informações sobre a empresa.

A Enele Estofados e Móveis, foi fundada em Fevereiro de 1984, na cidade São Lourenço do Oeste – SC. A empresa conta hoje com uma área construída de 12.500 m² e 218 colaboradores. Seus produtos, estofados e móveis para quarto e sala, encontram-se em todo o território nacional. No mercado externo a Enele exporta para os países que compõe o Mercosul, América Central, América do Norte e Europa. Recentemente, sob a pesquisa da revista *Móvil* 2006 – Prêmio Top Mobili - a Enele foi citada como a 8ª empresa do setor moveleiro mais lembrada do país pelos lojistas.

4.2. Análise dos dados da Empresa

Embasados no balanço da Enele Indústria de Estofados Ltda, fez-se a reclassificação das contas patrimoniais e em seguida calculou-se os índices para NCG, CDG e T.

Figura 01 – Biodigestor

ATIVO		9.549.613,53	PASSIVO		(9.549.613,53)
Ativo Circulante Errático/Financeiro		868.384,40	Passivo Circulante Errático/Financeiro		(666.673,46)
Caixa		89.034,25	Instituições financeiras		(276.300,81)
Bancos conta movimento		111.946,82	Adiantamento de clientes		(390.372,65)
Aplicações financeiras		667.403,33			
Ativo Circulante Cíclico/Operacional		6.333.342,36	Passivo Circulante Cíclico/Operacional		(1.702.242,85)
Créditos		3.875.389,92	Fornecedores		(1.056.702,63)
Estoques		2.213.590,00	Obrigações trabalhistas		(278.646,33)
Impostos a recuperar		32.641,75	Obrigações tributárias		(116.570,43)
Adiantamentos		188.131,35	Outras contas a pagar		(1.712,59)
Despesas antecipadas		23.589,34	Provisões		(248.610,87)
Ativo Circulante Não Cíclico		2.347.886,77	Passivo Circulante Não Cíclico		(7.180.697,22)
Depósitos a prazo fixo		18.286,32	Conta corrente dos sócios		(6.260.404,88)
Investimentos		84.613,40	Financiamentos/Empréstimos LP		(704.741,16)
Imobilizado		2.244.987,05	Capital Social		(260.000,00)
			Reservas		44.448,82

Fonte: Enele Indústria de Estofados Ltda - Setembro 2008

O ano contábil da Enele Estofados e Móveis, encerra-se em 31 de dezembro, porém, para efeito deste trabalho optou pelo balanço consolidado trimestralmente – Setembro/2008 - numa clara preferência por dados atualizados.

A conta que mais se destaca no ativo é o valor dos estoques, evidenciando seu alto nível de matérias-primas. A empresa trabalha em sua unidade de estofados, sob encomendas de clientes, entretanto, seu prazo de entrega do produto é um diferencial por ser reduzido. Essa estratégia alavanca as vendas, mas exige altos níveis de estoques. A Enele possui em seu *portfolio* aproximadamente 40 modelos de produtos e mais de 400 opções de acabamentos além de inúmeros acessórios. Estratégia que torna seus produtos personalizados, contudo eleva seu nível de estoque.

Na unidade de móveis, o processo produtivo é por meio de lotes fabricação. Esta unidade conta com inúmeros itens de produtos, combinações de cores e formas, que determinam elevados níveis de estoques.

No passivo o destaque é a conta corrente dos sócios. A empresa, desde sua fundação jamais havia feito a distribuição de dividendos, pagando apenas o pró labore. Em consenso entre os sócios, decidiram “emprestar” o dividendos acumulados a empresa, proporcionando a mesma, recursos extremamente baratos e benefícios fiscais.

4.3. Indicadores Financeiros

4.3.1. Necessidade de Capital de Giro – NCG

A NCG representa os recursos necessários pela empresa para custear o seu ciclo operacional, que inicia-se na aquisição da matéria-prima até o recebimento da venda.

Observa-se o nível elevado da Necessidade de Capital de Giro, isso deve-se as característica do setor moveleiro,

Necessidade de Capital de Giro - NCG			
NCG: Ativo Circulante Cíclico - Passivo Circulante Cíclico			
NCG:	6.333.342,36	-	1.702.242,85
NCG:	4.631.099,51		

especialmente na qual está inserido a Enele Estofados e Móveis, cujo o volume de estoques de matérias-primas e produtos acabados são altos. Outro fator determinante é a política da empresa de créditos aos clientes, onde opera com vendas a prazo, e juntos aos fornecedores realiza compras com pagamentos a vista. Os prazos esticados de vendas aos clientes, é um procedimento de uso generalizado entre as indústrias do setor. Já as compras a vista de matérias-primas deve-se aos preços mais competitivos obtidos dos fornecedores e a sua capacidade de financiamento. O volume de financiamento é explicitado no item Capital de Giro.

4.3.2. Capital de Giro – CDG

Fonte de recursos utilizados para financiar as necessidades de capital de giro da empresa.

Capital de Giro – CDG			
CDG: Passivo não Cíclico/Permanente - Ativo não Cíclico/Permanente			
CDG:	7.180.697,22	-	2.347.886,77
CDG:	4.832.810,45		

O volume de Capital de Giro da Enele Estofados e Móveis constitui num respaldo as estratégias comerciais da empresa, cuja exigência é um alto valor para cobrir as necessidades de capital de giro. O CDG é uma importante fonte de recursos. São recursos de longo prazo financiando aplicações de curto prazo.

4.3.3. Tesouraria – T

A tesouraria indica a capacidade da empresa em financiar uma possível expansão ou contingência, oriunda das operações da empresa.

Tesouraria – T			
T: Ativo Circulante Errático - Passivo Circulante Errático			
T:	868.384,40	-	666.673,46
T:	201.710,94		
T: Capital de Giro – Necessidade de Capital de Giro			
T:	4.832.810,45	-	4.631.099,51
T:	201.710,94		

O Saldo de Tesouraria apresenta-se positivo, evidenciando que a empresa tem respaldo para eventuais despesas ou exigências de curto prazo. Não obstante do saldo de tesouraria achar-se positivo, contudo, considera-se o volume bastante temerário, visto que representa apenas 4,3556% do volume total da necessidade de capital de giro e 4,1738% do volume de capital de giro, e qualquer alteração na situação econômica ou um aumento de vendas mais expressivo comprometerá a solvência da empresa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se no decorrer deste artigo responder aos objetivos propostos e prover os administradores de subsídios gerenciais. Procurou-se explanar e facilitar o acesso às informações contábeis para que pudessem ser utilizadas no processo decisório e não apenas como exigência fiscal.

Os dados coletados foram submetidos ao modelo Fleuriet (2003) de análise de balanços, para conhecer os níveis de CDG, NCG e T e também, foram subjugados a análise de tipos de balanços de Marques e Braga (1995), que determinam a situação financeira da empresa.

Constatou-se uma elevada demanda por recursos para fazer frente a necessidade de capital de giro, sendo que o nível deste sustenta as estratégias e políticas operacionais e comerciais da empresa.

Os cálculos apresentaram uma tesouraria positiva, entretanto em um nível aquém do seguro, pois representa apenas 4% do volume correspondente ao NCD e CDG e qualquer contingência poderá prejudicar sua solvência. A empresa deverá buscar meios de elevar seu nível de tesouraria, e as ações deverão ater-se no aumento do Capital de Giro e na Diminuição da Necessidade de Capital de Giro.

Por fim, baseando-se na tabela dos tipos de balanços, formatada por Marques e Braga (1995), que situa a empresa financeiramente a Enele Indústria de Estofados, possuem uma situação sólida ou tipo II, uma vez que o Capital de Giro, a Necessidade de Capital de Giro e a Tesouraria são positivos.

É importante ressaltar que este estudo procurou suprir as necessidades dos gestores com informações econômico-financeiras. Seu acompanhamento periódico e ações corretivas quando necessárias, permitiram a empresa sua continuidade, pois como adverte Braga (1989) "as concordatas e falências geralmente constituem o desfecho natural para as soluções inadequadas dos problemas de gestão do capital de giro".

6. REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRAGA, Roberto. **Análise avançada do capital de giro**. caderno de estudos nº3. São Paulo: FIDECABI, 1991.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1989.

DMITRUK, Hilda Beatriz (org). **Cadernos metodológicos: diretrizes do trabalho científico**. 6. ed. rev. ampl. e atual. Chapecó: Argos, 2004.

FLEURIET, Michel; KEHDY, Ricardo; BLANC, Georges. **O modelo fleuriet: a dinâmica financeira das empresas brasileiras: um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 – 2ª reimpressão.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 2002.

MARQUES, José Augusto Veiga da Costa; BRAGA, Roberto. **Análise dinâmica do capital de giro: o modelo Fleuriet**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: EAESP/FGV, v.35, n.3, p.49-63. Maio/Junho, 1995.

Notas de Rodapé

¹ Errático, do latim *erraticu*. Errante, vadio, erradio, aleatório, andando fora do caminho. Ou seja, implica a não-ligação dessas contas ao Ciclo Operacional da empresa.

² Autofinanciamento refere-se aos fundos gerados pelas operações da empresa.

Sobre os autores

Carlos Cambuzzi

Especialista em Gestão Contábil e Financeira - UTFPR
carlos@enele.com.br

Eliandro Schvirck

Mestre em Controladoria e Contabilidade - USP
eliandro@utfpr.edu.br